

Antonio Quinet

Um olhar a mais

Ver e ser visto na psicanálise

Jorge Zahar Editor
Rio de Janeiro

Copyright © 2002, Antonio Quinet

Copyright © 2002 desta edição:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2240-0226 / fax: (21) 2262-5123
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Capa: Sérgio Campante

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Quinet, Antonio, 1951-
Q64o Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise/Antonio
Quinet. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002

Inclui bibliografia
ISBN 85-7110-654-1

1. Visão. 2. Percepção visual. 3. Psicanálise. I. Título. II.
Título: Ver e ser visto na psicanálise.

02-0706

CDD 150.195
CDU 159.964.2

Introdução

“Hoje haverá uma das mais belas vistas da Riviera Francesa”, diz ao elegante homem de smoking a bela loura com seu vestido branco de baile deixando à vista seus ombros nus.

A cena se passa no apartamento, à noite, diante da janela aberta para o Mediterrâneo, de onde jorram fogos de artifício. Há uma doce penumbra; ela apagará as luzes para melhor ver o show e fisgar seu “gato” fazendo-o confessar ser um gatuno.

“Você não fica nervoso sabendo que há aqui milhares de dólares em diamantes e que você não pode tocá-los?” Como ele nem pisca, ela vai mais longe: “Você preparou todo o plano, vestiu sua roupa preta com sapatos de sola macia, pegou a corda, desceu até a janela e aí descobre que ela está fechada. A ansiedade não se transformaria em frustração? O que você faria?”

“Iria para casa dormir”, responde ele sem pestanejar.

“Está tudo bem à sua frente mas você não pode pegar...” Ao dizer isso ela recua, seu rosto desaparece no escuro fazendo ressaltar o colar de diamantes irradiando em seu colo desnudo. “As pedras estão brilhando do lado de dentro da janela. E sua dona dorme profundamente...” No lugar de seu lindo rosto, há uma mancha de sombra e na frente reina o brilho da jóia. E no paroxismo do charme para estimular o desejo de sua presa, ela se aproxima, acaricia seu colar e diz ferosa e dissimulada: “Brilhantes... com delicados fios de platina.”

Ela o atrai para seus braços com a isca do colar, isca do olhar. A cena romântica dos dois se aproximando é escandida pelas imagens de explosões de fogos de artifício. “Mesmo no escuro sei para onde seus olhos estão olhando” – diz a sedutora, fazendo-o tocar nos brilhantes. E nessa hora é desvelado o artifício feminino: ele diz que esse colar é uma imitação. “But I’m not”, diz Grace Kelly, selando a conquista gloriosa com um beijo na boca de Cary Grant, “the Cat”, no filme de Hitchcock *Ladrão de casaca* (*To Catch a Thief*).

Triunfo do olhar: nas jóias brilhando, nos fogos de artifício explodindo no jogo de sombra e luz, na beleza de Grace Kelly encantando. Gozo do espetáculo, causação do desejo.

Entre a mulher e o homem, um brilho, um fulgor, um desejo – mais-de-olhar. Lá onde A Mulher não pode ser vista, nem dita, nem apreendida, surge o olhar, fazendo existir o desejo di-amante.

* * *

Menwith Hill, próximo de Harrogate em Yorkshire (USA). Estamos na maior base de espionagem (de satélite e comunicação) que faz parte do projeto P415. Trata-se de um sistema de vigilância global de espionagem eletrônica preparado para funcionar no mundo inteiro, captando todos telefonemas, fax e e-mails. Projeto para o século XXI que pretende a visualização de TODAS as mensagens que ocorrem no mundo todo. O sistema mais utilizado de espionagem eletrônico se chama Echelon. Atualmente o potencial de interceptação de mensagens diárias desse sistema é da ordem de dois bilhões de mensagens privadas, sendo a triagem feita por inteligência artificial.

Em Menwith Hill há 1.200 homens e mulheres trabalhando de olho no mundo através de seus satélites, dentre os quais se destaca BIG BIRD, satélite de reconhecimento fotográfico e captação de escuta disfarçado, como outros, de satélites de meteorologia. BIG BIRD é a versão atual e real, não mais ficcional, do Big Brother do livro *1984*, de George Orwell, cujo olho estava presente em todas as casas, ruas e cidades controlando todo mundo.

O projeto P415 de espionagem total, coordenado pela National Security Agency (NSA), que inclui Inglaterra, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Estados Unidos, pretende que todos sejam transparentes. Existem bases de espionagem sendo desenvolvidas na Alemanha e na China. É o panoptismo em sua versão capitalista, pois sua visada é antes de tudo sobre as áreas financeiras e comerciais. Ele é o produto da indústria da vigilância.

Encontramos aí o cúmulo da sociedade escópica, onde não só há o império do vídeo e da tele-visão e o imperativo do “ser visto”, mas também a utilização da tecnologia científica para fazer existir o olhar, colocando na prática uma razão paranoíca, em que todos se sentem vigiados, pois na verdade essa possibilidade está permanentemente presente. Produção do mais-de-olhar na sua versão de mal-estar da civilização.

Esses dois exemplos tão díspares nos mostram a presença e a importância do olhar na subjetividade e na sociedade contemporânea. Nesse trabalho pretendo mostrar, a partir da psicanálise, a estrutura do escopismo em sua multiplicidade sem, no entanto, visar ao esgotamento ou a uma revisão bibliográfica do tema. A psicanálise se inicia com o corte da visão para fazer surgir a livre associação. Freud recusou a encenação histórica orquestrada por Charcot para iluminar a Outra cena. Da mesma forma, o início de cada análise reproduz o corte freudiano quando o analista aponta o divã para o analisante, como desenvolvi em trabalhos anteriores (*As 4+1 condições de análise*, 1991). Apagam-se as luzes da reciprocidade dos olhares para fazer valer o nível escópico da pulsão, lá onde jaz a inércia da fantasia fundamental e se desenrolam seus roteiros cinematográficos.

A abordagem conceitual e clínica do olhar e suas emergências neste livro tem como base os fundamentos de Freud sobre a pulsão escópica e os de Lacan sobre o objeto *a* em sua modalidade de olhar. Mas desde a Antigüidade já encontramos esboçado, aludido e figurado o que veio a ser tematizado pela psicanálise.

Do fogo ao invisível

Na Antigüidade, a *episteme* da similitude, dada pela ótica, permite a identificação do olhar com a luz, do raio visual com o raio luminoso – cor, reflexo, cintilar, brilho participam do olhar. Na filosofia, sobretudo em Platão, desejo erótico, desejo do belo, desejo de saber são contíguos e também participam do olhar. Esses dois aspectos do olhar, presença no visível e no desejo, serão apagados pela *episteme* da representação que caracteriza o classicismo, com o acréscimo dado pela ótica geométrica e pela fenomenologia da percepção, excluindo do campo visual o desejo e o gozo. Este comentário não é feito para cultuar o gênio grego e dizer que perdemos sua herança, mas para sublinhar que a psicanálise com Freud – e seu conceito de pulsão escópica – e Lacan – e seu conceito do objeto olhar – pode dar a estrutura de algo que fora tematizado na Antigüidade na filosofia, na ótica, nos mitos e no teatro (Édipo rei é seu paradigma) referente ao escopismo.

Merleau-Ponty, em *L'oeil et l'esprit* (1960), notou que, em Descartes, o pensamento “não quer mais freqüentar o visível” e que desde então “nada mais resta do mundo onírico da analogia”. Gerard Simon, em *Le regard, l'être et l'apparence dans l'Optique de l'Antiquité* (1988), comentou que, desde a ciência clássica até o século XVII, não podemos passar sem o olho e o olhar, que realizavam o “mistério da transmutação do visível e do visto”. E Max Milner, em *On est prié de fermer les yeux* (1991), conclui seu notável trabalho sobre o olhar na mitologia grega e na literatura pela afirmação de que a “psicanálise introduz na reflexão sobre o olhar humano, uma dimensão que ..., a ótica dos antigos abrigava, mas que a ótica geométrica, da qual somos tributários na maior parte de nossa existência e de nosso pensamento, corre o risco de ocultar totalmente”.

Meu interesse, neste trabalho, não foi inspirado por uma epistemologia das fontes lacanianas que deram origem ao conceito do olhar como objeto *a*, mas antes pela releitura dos textos filosóficos, muitos referidos por Lacan, para apreender melhor as diversas modalidades de emergência desse objeto tão inapreensível, e extrair melhor suas conseqüências teóricas e práticas.

Meu olhar, nessa leitura, não foi neutro.

Armado com os conceitos analíticos, pontuei algumas conseqüências em que os resultados da psicanálise convergiam com os da filosofia. Assim, delineei, conforme o modelo laciano, uma esquizo entre a visão e o olhar em Platão: a visão está do lado dos simulacros, dos corpos, dos objetos, dos artefatos e até dos objetos matemáticos. Mas, lá onde falha a visão, no domínio das idéias, lá emerge o olhar, a

theoria. E a atividade do filósofo é *théorein*, contemplar, examinar, observar, meditar – em que o olhar se torna causa do saber.

Se Aristóteles justificou o desejo de saber, visando no final um gozo escópico da contemplação, e se Santo Agostinho e São Tomás de Aquino evocam a “cobiça dos olhos”, foi Freud, no entanto, quem conceituou a libido no saber, cuja causa é o próprio objeto da pulsão escópica. É o que demonstra nossa análise da peça de Sófocles: o objeto causa do desejo de saber que animava Édipo se desvenda no final, como olhar. E o *saber* se torna *isso ver*. *Le savoir: ça voir*. É o que se pode verificar no processo analítico, principalmente no passe (a passagem de analisante a analista) no final da análise.

A articulação entre o saber e o olhar que encontramos na ótica e na filosofia dos antigos é um fato de estrutura, como demonstra a teoria do objeto olhar e da pulsão escópica na psicanálise.

O conceito de pulsão escópica permitiu à psicanálise restabelecer uma função de atividade para o olho não mais como fonte da visão, mas como fonte de libido. Onde os antigos têm o conceito de raio visual e o fogo do olhar, a psicanálise descobre a libido de ver e o objeto olhar como manifestação da vida sexual. Lá onde estava a visão, Freud descobre a pulsão.

Com o advento da ciência da luz e o império da evidência inaugurado por Descartes, o mistério do olho se esvaece para ceder lugar à física da visão, que cria um espaço matemático feito para os não-videntes.

Com Descartes, instaura-se um novo *cogito* da visão, correlato ao discurso da ciência, sem o qual todos os aparelhos de ver, gravar e filmar que pululam sobre o planeta jamais poderiam ter vindo à luz. Esse *cogito* da visão do filósofo das ciências poderia ser enunciado como segue: *eu penso, logo eu vejo*, completado com *eu vejo, logo eu sou*. O pensamento pode ver, mas dele fica excluído o olhar.

A partir de então a percepção visual será dividida em três categorias: física, neurológica e mental, com a questão da representação. O espaço, descrito em função da vista, não é, efetivamente, visual. Trata-se do espaço geométrico que um cego pode “ver”. Por outro lado, em suas meditações, o homem que segue as regras da direção do espírito, alcançará a certeza das coisas, como Descartes — não é necessário ver, pelo contrário, a visão engana. A ordem do visível fica excluída e, com isso, tudo se torna “visível” para a razão. Realiza-se a passagem do fogo do olhar que ilumina as coisas para o espaço determinado pelo simbólico da matemática. Na nova divisão do subjetivo e do objetivo, do sujeito e do objeto, da *res cogitans* e da *res extensa*, não há lugar para o olhar.

A partir de Descartes, o olho da razão ilumina as coisas e lança o desejo nas trevas. De lá para cá, foi preciso esperar Freud para tirá-lo de lá, e Lacan para elaborar a estrutura do campo visual com o desejo e o gozo incluídos.

A fenomenologia de Husserl inclui o sujeito, e Merleau-Ponty inclui o corpo no fenômeno. Lacan, partindo da psicanálise, demonstra que o fenômeno já está estruturado pelas relações significantes que constituem o registro simbólico e, concordando

do com Husserl, inclui o sujeito no fenômeno, mas o sujeito de que se trata, longe de ser unificado e objetivo, é um sujeito dividido e determinado pela linguagem.

Mas, o que dá a visibilidade ao vidente é o olhar como objeto *a* – objeto invisível que se encontra no fundamento da visibilidade: faz do sujeito que percebe objeto percebido. O olhar como objeto *a* fornece o fundamento da existência de um “olhar no espetáculo do mundo”, já indicado por Merleau-Ponty. A pulsão está na base do “dar-a-ver” do sujeito, e o afeta com um olhar que, mesmo estando excluído da visão, o objetiva.

A psicanálise nos ensina que o campo visual está compreendido nos três registros destacados por Lacan: o imaginário do espelho, o simbólico da perspectiva e o real da topologia, em que se inclui a relação do sujeito ao objeto olhar.

A fenomenologia lacaniana inclui o desejo e o gozo no mundo da percepção e se instrui com a topologia: ela nos traz a estrutura de envelope do campo escópico que podemos mostrar com o *cross-cap*, superfície topológica que demonstra o real da estrutura na qual o sujeito se encontra em exclusão interna com seu objeto.

Com Lacan, a psicanálise levanta o véu de horror que o gozo escópico provoca e nos faz descobrir que o olhar da Medusa está na posição de comando em nossa civilização, visto seu efeito de petrificação e fascinação.

Furo do olhar

Durante o percurso, fiz a teoria psicanalítica girar em torno do olhar – esse furo iluminado no lugar do Outro para o sujeito.

A estrutura moebiana do laço da pulsão escópica “olhar-ser olhado” se articula com a castração no Outro, em que a divisão do sujeito é o efeito da fenda dupla do olho e do sexo do Outro. Essa fenda do sujeito que se divide diante da castração do Outro repercute no campo visual e na realidade, que se constitui como um véu por sobre a falta fálica e sobre o olhar que escapa à percepção dessa realidade. A realidade visual do *percipiens* é sustentada por essa cortina que vela tanto a falta no Outro como a presença do olhar que a conota.

É a pulsão escópica que confere o caráter de beleza ao objeto desejado do mundo sensível e permite que o sujeito o “toque com os olhos” e o desnude com o olhar. O gozo escópico, a *Schaulust* que esta pulsão proporciona, é o gozo dos espetáculos, mas traz também, ao ser desvelado, o objeto, o horror, pois o olhar não pode se ver senão ao preço do desaparecimento do sujeito pois toda pulsão é, também, pulsão de morte.

A pulsão escópica não encontra apoio em uma demanda, como as pulsões oral e anal. Não há fase escópica no desenvolvimento libidinal pois o escopismo é constituinte da libido, do próprio desejo – eis por que a pulsão escópica é paradigmática da pulsão sexual. Ela confere ao olho a função *háptica* de tocar com o olhar, de despir, de acariciar com os olhos. O campo visual é ótico, certo, mas a pulsão sexual o torna háptico.

O olhar como objeto *a* é o que melhor demonstra o caráter agalmático do objeto causa de desejo. O *agalma* é sempre descrito por seu esplendor, sua beleza, como o que brilha qual uma jóia fulgurante na luz, qual um ponto de onde parte a luz, e assim também se pode representar o olhar como objeto *a*. O objeto agalmático vem representar o olhar como objeto *a*, em volta do qual a pulsão faz a volta e assim é causa do desejo para quem cair em sua armadilha, atraído por seu charme. O caráter de objeto agalmático como enfeite, ornamento que se oferece aos deuses, é como o *trompe-l'oeil*, uma armadilha para os olhares: *agalma* engana o olho para fazer valer o olhar. De fato, é a pulsão escópica que faz de uma pessoa um objeto excitante e charmoso, com o caráter do belo. O objeto olhar, enquanto objeto pulsional, emerge no campo de desejo do sujeito e veste a quem causar o desejo do sujeito de beleza, a pulsão agalmatiza o objeto ao vesti-lo de beleza.

Através do estudo sobre o pudor, pude verificar que o olhar como objeto de desejo “que enrubesce” revela a posição feminina como sendo a daquele que é olhado e a posição masculina, como a de quem olha. Falo e olhar se conjugam, assim, sobre o corpo da mulher. O olhar como objeto *a* (no lugar do $(-\phi)$ da castração) vem substituir A Mulher que não existe.

Para todo sujeito, o saber encontra sua força pulsional na pulsão escópica, e o desejo de saber é uma transformação, uma derivação do desejo de ver. Este se articula, como todo desejo, com os obstáculos (recalque, desmentido, forclusão) próprios às estruturas clínicas. Uma análise que vai a seu final permite levantar os obstáculos ao desejo de saber.

O olhar pode ser imaginado pelo sujeito através de um barulho qualquer que denote a presença de alguém, pois o olhar assombra o visível.

O olhar é o objeto da angústia quando a pulsão escópica se revela como pulsão de morte: o olhar é portador de um gozo mortífero. “Não suporto que olhem para mim. Seria tão bom se todo mundo fosse cego!”, disse-me um paciente. A diferença entre *Lust* e *Genuss*, as duas valências do gozo (prazer e desprazer) faz do objeto olhar, ao mesmo tempo, causa da jubilação pictural e objeto de angústia impossível de suportar, como o olhar da Medusa com valor duplo.

Descobri que o olhar está sempre presente no afeto da angústia, cujo termo freudiano *Augenangst* pode ser generalizado quando traduzido por “angústia escópica”.

O vazio da janela é a falta no Outro – buraco deixado vazio pelo objeto perdido desde sempre. A estratégia do sujeito é fazer com que o objeto causa do desejo volte para a janela vazia. Para este fim, ele usa seja o *eu* como imagem do outro [i(a)], envelope imaginário do objeto, seja a fantasia, [$\$ \diamond a$], que encena sua relação com o objeto. Em suma, o sujeito aloja um espelho ou um quadro no vazio deixado pela extração do objeto *a* no campo do Outro.

O imaginário do espelho esconde e o quadro da fantasia mostra a estrutura subjetiva. A imagem narcísica vela o sujeito do desejo, ao passo que o quadro da fantasia o mostra. Mas ambos são enganadores, pois escondem o furo no Outro e sustentam, portanto, sua consistência imaginária e sua existência suposta como garantia do su-

jeito. Essa estratégia subjetiva é possível, pois ambos, espelho e quadro, contêm o objeto *a* olhar segundo os matemas que lhes correspondem: $[i(a)]$ e $[\$ \diamond a]$.

O objeto olhar reina invisível no campo imaginário como suporte do *desejo ao Outro* que o caracteriza. Ele faz do *eu* uma instância de espetáculo: ator e espectador. Ator, ele se dá a ver para agradar ao Outro, para suscitar seu desejo; espectador, ele espia o Outro que o espiona para melhor enganá-lo.

O quadro da fantasia – que é, para o neurótico, “a obra de arte de uso interno do sujeito” – é os óculos com os quais ele vê a realidade. A análise deve levar o sujeito a ver que a fantasia nada mais é senão um quadro que ele colocou na moldura de sua janela do real.

No estudo sobre Édipo, destaquei a disjunção entre o olhar de aprovação do olho de um pai benevolente no lugar do ideal do eu e o olhar do supereu que volta aí como empuxo-a-gozar escópico. O sujeito está sempre à espera de uma “refeição totêmica” na qual poderá transgredir a lei. Mas a orgia de gozo advém como um “excesso comandado”, segundo Freud, em que o sujeito, no registro escópico, é empurrado a se dar a ver, como pastagem para o olho guloso do Outro.

O “dar-a-ver” do desejo é o correlato de se fazer olhar da pulsão. A estratégia do sujeito será a de atribuir o olhar como objeto ao Outro, para satisfazer seu dar a ver. Estratégia ambígua, esta, pois no *continuum* entre *Lust* e *Genuss*, o olhar que o sujeito atrai pode se tornar o olhar contra o qual busca proteção. Pois o olhar, que pode ser representado por um ponto luminoso, assim como a morte e o sol, não pode ser olhado de frente, pois ele é, também, objeto da pulsão de morte.

O sujeito, em sua estratégia pulsional, atribui o olhar ao Outro de acordo com sua estrutura clínica: o neurótico supõe um outro como suporte do olhar para causar seu desejo ou sua angústia; o perverso tenta devolver ao Outro o olhar para fazê-lo gozar; e o psicótico não tem o olhar como objeto separado, mas como atributo do Outro, outorgando-lhe o poder de vigiar e punir. Em todos os casos, trata-se do olhar como objeto de gozo atribuído ao Outro e, como tal, é a face da morte que se desvenda como sua expressão última. “Na adolescência, dizia-me outro analisante, eu atravessava a praça da minha cidade olhando para o chão para não ver os olhares das pessoas. É como se fosse um campo de batalha. E até hoje, para mim, o pior não é morrer, mas passar morto dentro do caixão pela praça.”

O delírio de observação serve aqui de paradigma do dar a ver em que o sujeito é objeto da vigilância do Outro. Pois lá onde falta o véu do Édipo, o olhar como objeto *a* surge no campo da realidade e o sujeito se dedica à constituição de véus artificiais para se esconder ou, então, passa ao ataque desenfreado a esse Outro panótico cujo olhar deve furar.

O a-mais escópico

Nossa sociedade, como já foi dito, é uma sociedade de espetáculo. Mas nunca se articulou esse caráter com a subjetividade, somente com os meios de produção capi-

talista, como o fez Guy Débord – aspecto que certamente dela não está ausente. Pretendo mostrar que se trata antes de uma *sociedade escópica* produtora de dejetos da civilização, dejetos de gozo em sua modalidade escópica, produto do discurso do mestre. Esse mais-de-gozar é um mais-de-olhar. Ele é excessivo, impossível de suportar e ao mesmo tempo causa de desejo.

O *mais-de-olhar*, expressão de minha lavra, se inspira no termo mais-de-gozar cunhado por Lacan para nomear o objeto *a* no campo do gozo, o qual é estruturado pelos discursos como laços sociais. Esse termo acentua seu caráter de valor (derivado do termo “mais-valia”, de Marx), que é valor de gozo, do qual o sujeito está excluído sem, no entanto, deixar de ser por ele causado. O objeto *a*, mais-de-gozar, se encontra como produto do discurso do mestre, laço instituidor correspondente à instauração da lei da civilização com a conseqüente exclusão do gozo ou, em termos freudianos, a conseqüente exigência da renúncia pulsional.

No matema do discurso do mestre temos: a lei (S_1) no lugar do agente, o saber (S_2) no lugar do outro (o submetido a esse discurso), o sujeito ($\$$) no lugar da verdade e o objeto *a*, simultaneamente, como resto e produto.

$$\frac{(\text{agente})}{(\text{verdade})} \rightarrow \frac{(\text{outro})}{(\text{produto})} \quad \frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

A produção do olhar em nossa sociedade atual é privilegiada – como aparece no imperativo da fama, de celebridade e de transparência, no empuxo-ao-vídeo (televisão, cinema, vídeo), com a produção incessante de aparelhos fabricados pela ciência tecnológica, e também no controle polícesco em que todos devem ser vigiados o tempo todo, cujo paradigma encontramos no programa de espionagem *Echelon*.

O discurso do mestre escreve também a instituição do sujeito: sua determinação pela linguagem (o sujeito é representado por um significante para outro significante); na repetição significativa, há simultaneamente produção e perda de gozo. Essa produção/perda é representada pelo objeto *a*, dito por isso objeto mais-de-gozar sem representação na linguagem.

Esse objeto representa o mal-estar na civilização, detectado por Freud, que encontra sua origem no supereu em sua instância de vigilância e crítica, ou seja, como objetos mais-de-olhar e mais-de-voz. Um indicador surpreendente nessa sociedade científica é a permanência da crença do mau-olhado, mostrando que o mal-estar tem parte com o “mal-olhar”. Nossa sociedade escópica é produtora do mais-de-olhar que, ao entrar no discurso capitalista, se apresenta como um *gadget* visual, como objeto comprável que causa o desejo do sujeito.

Uma ética do olhar é o que decorre de nossa análise que visa mostrar que o olhar é um furo, que o Outro é cego por ser inconsistente e que o olhar é uma faísca, um fulgor, um relâmpago que se acende num instante, como o fogo de artifício, o brilho de uma jóia eternizando o desejo, o belo desejo, o desejo escópico. *Kalopsitas*.

* * *

Este livro foi produzido a partir de minha tese de doutorado em filosofia defendida na Universidade de Paris – VIII em 1996, sob a orientação de Alain Badiou. Da tese ao livro um longo caminho foi percorrido, com muitos cortes, acréscimos e modificações. As referências ao texto de Freud são da Edição Standard Brasileira, com alterações em alguns casos. As de Lacan são dos textos publicados no Brasil. Já os textos não publicados citados neste livro tiveram tradução de minha autoria.

Deixo aqui registrados meus agradecimentos a Alain Badiou pela valiosa orientação e também a Alain Grosrichard e François Sauvagnat por suas observações durante a banca de defesa da tese. A Pierre Bruno e Jean-Claude Maleval pela leitura e comentários, assim como a Maria Anita Carneiro Ribeiro pelo acompanhamento na escrita da primeira versão. A Elton Irley Franco e Luís Duque Estrada por nossos diálogos filosóficos; a Sílvia Tendlarz por suas indicações na parte de psiquiatria. Aos participantes de meus seminários no Rio e em Belo Horizonte, pela interlocução no percurso dessas elaborações escópicas.

Na produção da edição em livro meus agradecimentos a Alfredo Chaves, André Telles, Hérica Valadares e Diana Tenreiro Aranha. A Antonio Dias e Waltércio Caldas pela cessão de suas obras para publicação.

PARTE I – Perspectivas Filosóficas

O olhar está presente na filosofia principalmente como metáfora do saber não apenas a partir de Descartes, mas desde Platão. As palavras mais correntes em filosofia nos ensinam a importância da relação do olho, e seu poder de olhar, com a apreensão do mundo pelo saber. A própria palavra “teoria” vem de: contemplar, examinar, observar, meditar. Não é por acaso que se encontra o *theoremata* como o que pode se contemplar (espetáculo, regra e preceito moral) pelo *theoros*, o espectador.

Também encontramos o âmbito escópico no termo “fenômeno”, que vem de *phaino* (fazer brilhar, fazer aparecer, mostrar, dar a conhecer o caminho, explicar), que remete a *pháos* (luz, luz dos astros e especialmente do sol, luz do olhar, do fogo, e também vir à luz, nascer). *Tà pháea* são os olhos, assim chamados pelos seguidores de Pitágoras e Platão, olhos portadores de luz. O adjetivo *phantós* quer dizer visível e, quando derivado de *phemi* (o que pode se dizer ou se manifestar através de palavras), é a origem de fantasma (aparição, visão, sonho) ou fantasia (ação de se mostrar, aparição). Esta etimologia de fantasmagoria, fantasma e fantasia aponta para o enraizamento desses termos no escópico. E o termo *phantastikós* deu origem à imaginação: *phantastiké* é a arte de representar pelo espírito e *to phantastikon*, a faculdade de imaginar, a imaginação, e, mais precisamente, a faculdade de imaginar coisas vãs. Assim, também o fantástico – domínio do *Unheimlich*, a inquietante estranheza – tem a mesma raiz, mostrando seu pertencimento ao mundo escópico das imagens.¹

A presença, tão importante quanto constante, da referência ao domínio escópico na filosofia no que concerne ao conhecimento e ao saber permite-nos indagar se se trata simplesmente de um uso metafórico. No início da *Metafísica*, Aristóteles articula o desejo de saber ao prazer das impressões visuais.² Santo Agostinho, em suas *Confissões*, afirma que “os olhos são os sentidos mais aptos ao conhecimento”. O que é assim resumido por São Tomás de Aquino: “A vista é o melhor de todos os sentidos e aquele que abrange o maior número de objetos, como é dito no livro I da *Metafísica*. Eis por que se empresta o nome deste sentido a todos os outros e até mesmo às faculdades internas do conhecimento, como afirma Santo Agostinho.”³ E Descartes conclui em sua *Dióptrica* que “toda a conduta de nossa vida depende de nossos sentidos e, entre eles, o da visão é o mais universal e o mais nobre”⁴

Mesmo após ter sido posta em dúvida por Descartes, a visão permanece como modelo do conhecimento. Continua-se a fazer referência aos *esclarecimentos*, à *evidência* dos argumentos, à *especulação* filosófica, à diferença dos *pontos de vista*, a

uma *perspectiva* particular de um problema etc. O século das Luzes é o império do olhar, de um olhar munido de instrumentos além do visível que pode investigar as coisas. E se a visão serviu sempre de modelo metafórico para o conhecimento, podemos, com efeito, estabelecer a hipótese de que “cada grande mutação da ótica pode haver ocasionado uma transformação da teoria do conhecimento”.⁵ A ótica antiga do raio visual e do fogo do olhar está presente na filosofia de Platão e Aristóteles e tem relação com seu modo de conhecimento; assim como a ótica moderna segundo Kepler e a teoria dos raios luminosos são correlativas à visão cartesiana de apreensão do mundo.

Com o postulado do olhar não mais como apanágio do sujeito da consciência e do conhecimento, mas como objeto de pulsão, a psicanálise rompe com a tradição filosófica que não distingue o olhar da visão. O olhar para a filosofia é uma qualidade do sujeito: seja um atributo visual, seja uma faculdade noética. O olhar, destacado por Lacan como o objeto específico da pulsão escópica descrita por Freud, não faz parte do sujeito e sim dos objetos, sem se encontrar entre aqueles do mundo sensível. Ele tem apenas uma consistência lógica: enquanto objeto ligado ao gozo, inapreensível pelo eu, promove o brilho, o interesse, o fascínio do mundo da visão.⁶

Ora, o campo escópico não se reduz de maneira alguma à visão. E o olhar não é um atributo do sujeito que dele se serve como um instrumento; pelo contrário, é o sujeito que é afetado pelo olhar enquanto objeto. Não se trata de um objeto passivo da percepção do sujeito, mas de um objeto ativo pelo qual o sujeito é subvertido. Ele é objeto que causa seu desejo e que não está ausente quando a angústia se faz presente. Trata-se do olhar como objeto *a* da álgebra lacaniana.

Freud e Lacan dão um lugar privilegiado ao âmbito pulsional relativo ao olho: apelam para a pulsão escópica para estabelecer tanto a gramática das pulsões (Freud) quanto o circuito pulsional entre sujeito e objeto (Lacan). Ambos partem do ensinamento da clínica psicanalítica e da observação da vida cotidiana, apreendendo os modos de satisfação desta pulsão: a *Schaulust*, o gozo do olhar.